



A Santa Sé

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

NA MISSA CRISMAL *Quinta-feira Santa, 9 de Abril de 1998* 1. «*O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu*» (Lc 4, 18). Estas palavras do Livro do profeta Isaías, referidas pelo evangelista Lucas, retornam várias vezes na hodierna Liturgia crismal e constituem-lhe como que o fio condutor. Elas evocam um gesto ritual que na Antiga Aliança tem uma longa tradição, porque na história do Povo eleito se repete para a consagração de sacerdotes, profetas e reis. Com o sinal da unção Deus mesmo confia a missão sacerdotal, real e profética aos homens que Ele chama, e torna visível a sua bênção para o desempenho do cargo que lhes é confiado. Todos os que na Antiga Aliança foram ungidos, foram-no em vista de uma só pessoa, daquele que devia vir: Cristo, o único e definitivo «*Consagrado*», o «*Ungido*» por excelência. Será a Encarnação do Verbo que revelará o mistério de Deus Criador e Pai que, através da unção do Espírito Santo, envia ao mundo o seu Filho unigénito. Agora Ele está presente na sinagoga de Nazaré. Nazaré é a Sua cidade: aqui Ele viveu e trabalhou durante anos no humilde banco do carpinteiro. Hoje, porém, Ele está presente na sinagoga numa veste nova: à margem do Jordão, depois do baptismo de João, recebeu a missão messiânica em cumprimento da vontade do Pai. E agora Ele apresenta-Se aos seus concidadãos com as palavras de Isaías: «*O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu, para anunciar a Boa Nova aos pobres; Enviou-Me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, o recobrar da vista; a mandar em liberdade os oprimidos; a proclamar um ano de graça do Senhor*» (Lc 4, 18-19). Conclui aqui a leitura e, depois de uma pausa, pronuncia algumas palavras que surpreendem os ouvintes: «*Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir*» (ibid., v. 21). A declaração não dá lugar a dúvidas: Ele é o «*Ungido*», Ele é o «*Consagrado*», a Ele alude o profeta Isaías. N'Ele se cumpre a promessa do Pai. 2. Hoje, Quinta-Feira Santa, estamos reunidos na Basílica de São Pedro para meditar sobre aquele evento: assim como os consagrados da Antiga Aliança, também nós dirigimos o olhar para Aquele ao qual o Livro do Apocalipse chama «*a testemunha fiel, o primogénito dos mortos e o Príncipe dos reis da terra*» (1, 5). Olhamos para Aquele a quem trespassaram (cf. Jo 19, 37). Dando a vida para nos libertar do pecado (cf. Jo 15, 13), Ele revelou-nos o Seu «*grande amor*»; manifestou-Se como o verdadeiro e definitivo Consagrado com a unção que, no poder do Espírito Santo, nos redime por meio da Cruz. É no Calvário que se actuam em plenitude as palavras: «*O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu*» (Lc 4, 18). Esta consagração e o sacrifício da Cruz constituem respectivamente a inauguração e o cumprimento da missão do Verbo encarnado. Do supremo acto de amor consumado no Gólgota, a Quinta-Feira Santa comemora a manifestação sacramental instituída por Jesus no Cenáculo, enquanto a Sexta-Feira Santa evidencia o aspecto histórico, dramático e cruento. Na sua dúplici dimensão, este sacrifício assinala o início da «*nova*» unção no Espírito Santo e representa o penhor da descida do Paráclito sobre os Apóstolos e sobre a Igreja que, por isso, num certo sentido, celebra hoje o seu nascimento. 3. Caros irmãos sacerdotes, estamos reunidos esta manhã à volta da mesa eucarística no dia santo, no qual fazemos memória do nascimento do nosso sacerdócio! Hoje celebramos a particular «*unção*» que em Cristo se tornou também nossa. Quando, no decurso do rito da nossa

Ordenação, pelo Bispo foram ungidas as nossas mãos com o sagrado crisma, tornámo-nos partícipes da unção sacerdotal de Cristo. A partir daquele momento, o poder do Espírito Santo, que foi derramado sobre nós, transformou para sempre a nossa existência. Este poder divino perdura em nós e acompanhar-nos-á até ao fim. Enquanto nos preparamos para entrar nos dias santíssimos em que comemoramos a morte e ressurreição do Senhor, queremos renovar a nossa gratidão ao Espírito Santo pelo inestimável dom que nos foi feito com o sacerdócio. Como não nos sentirmos devedores para com Aquele que quis associar-nos a essa admirável dignidade? Este sentimento nos leve a dar graças ao Senhor pelas maravilhas que realizou na nossa existência; nos ajude a olhar com firme esperança para o nosso ministério, pedindo humildemente perdão das nossas eventuais infidelidades. Sustente-nos Maria para que, como Ela, nos deixemos conduzir pelo Espírito para seguirmos Jesus até ao termo da nossa missão terrena. Escrevi na Carta deste ano aos Sacerdotes: *«Acompanhado por Maria o sacerdote saberá renovar todos os dias a sua consagração até quando, sob a guia do mesmo Espírito invocado com confiança no itinerário humano e sacerdotal, entrar no oceano de luz da Trindade»* (n. 7). Com esta perspectiva e com esta esperança prossigamos com confiança no caminho que o Senhor abre diante de nós dia após dia. O seu divino Espírito sustenta-nos e guia-nos. © Copyright 1998 - Libreria Editrice Vaticana